

A ANÁLISE DE CONTEÚDO NA PERSPECTIVA DE BARDIN:

do rigor metodológico à descoberta de um caminho de significações

Cátia Cilene Farago¹

Eduardo Fofonca²

“Análise de Conteúdo”, em edição revista e atualizada, procura trazer ao mundo da pesquisa científica um concreto e operacional método de investigação. Laurence Bardin, autora da referência em tela, é professora de Psicologia na Universidade de Paris V e aplicou as técnicas de Análise de Conteúdo na investigação psicossociológica e nos estudos das comunicações de massas. Para a autora, o livro pode ser utilizado um manual metodológico por psicólogos, sociólogos, lingüistas, ou qualquer outra especialidade ou finalidade, como por psicanalistas, historiadores, políticos, jornalistas e outros.

A obra de Bardin traz em sua primeira parte uma exposição histórica. Segundo Bardin (2009),

descrever a história da ‘análise de conteúdo’ é essencialmente referenciar as diligências que nos Estados Unidos marcaram o desenvolvimento de um instrumento de análise de comunicações é seguir passo a passo o crescimento quantitativo e a diversificação qualitativa dos estudos empíricos apoiados na utilização de uma das técnicas classificadas sob a designação genérica de análise de conteúdo; é observar a *posteriori* os aperfeiçoamentos materiais e as aplicações abusivas de uma pratica que funciona há mais de meio século (BARDIN, 2009, p.15).

Desta forma a autora reflete sobre a composição histórica, todavia, ressalta que torna-se necessário colocar em questão as suas condições de aparecimento e de extensão em diversos setores das ciências humanas, sobretudo pela classificação que emerge das relações de análise do conteúdo

¹ Mestre e Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná, onde também foi professora colaboradora. Licenciatura em Filosofia e bacharelado em Direito. Atualmente é docente efetiva do Instituto Federal Baiano.

² Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná. Mestrando em Educação pela Universidad de Jáen – Espanha. Licenciatura em Letras. Atuou como Secretário Municipal de Educação e Cultura e como docente da Universidade Federal do Paraná. Atualmente é Coordenador Pedagógico Regional da Editora Positivo.

e não com disciplinas vizinhas pelo seu objeto ou pelos seus métodos. Assim, Bardin, antes de analisar as técnicas modernas do século XX (operacionais pelas ciências humanas) perpassa por um breve passeio pela hermenêutica, retórica e a lógica; práticas anteriores à análise de conteúdo.

Um segundo momento histórico da Análise de Conteúdo, esclarece Bardin (2009), é caracterizado pela expansão das aplicações da técnica a disciplinas muito diversificadas e pelo aparecimento de interrogações e novas respostas no plano metodológico. Segundo a autora, depois de uma realidade de codificação imperiosa que atinge o seu apogeu com Berelson, o período posterior à guerra é marcado por anos de bloqueio e desinteresse. “Durante algum tempo, a análise de conteúdo parece ter caído num impasse e uns quantos investigadores desiludidos (Berelson, Janis, Lasswell, Leites, Lerner, Pool) parecem abandonar a partida” (BARDIN, 2009, p.21).

Desde modo, historicamente, alguns fenômenos são primordiais que acabam por afetar a investigação e a prática da análise de conteúdo. Para Bardin (2009), o primeiro é o recuso do computador; o segundo o interesse pelos estudos inerentes à comunicação visual e o terceiro é a inviabilidade de precisão dos trabalhos lingüísticos. Assim, a autora, utiliza como marco após meados dos anos 70, como momento histórico importante da proliferação dos computadores pessoais e as experiências em inteligência artificial, aumentando, neste contexto, a esperança nas possibilidades informáticas. Contudo, a análise de conteúdo multiplica as aplicações ao concentra-se na transposição informática, em matéria de inovação metodológica. “Mas observa com interesse as tentativas que se fazem no campo alargado da análise de comunicações: lexicometria, enunciação lingüística, análise de conversação, documentação e base de dados, etc” (BARDIN, 2009, p.27).

Ainda na primeira parte da referência que nos propomos resenhar, a autora estabelece uma definição para análise de conteúdo. Para Bardin (2009), a análise de conteúdo, enquanto método, torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Depois da primeira parte que situa a análise de conteúdo no plano cronológico e epistemológico, que remete o leitor para alguns exemplos representativos daquilo que se pode pôr em prática no campo da psicologia (principalmente em psicologia social) e da sociologia. Alguns exemplos elucidados na obra são simples e sem pretensões, visam iniciar um investigador iniciante na tarefa seguinte: o jogo entre as hipóteses, entre a ou as técnicas e a interpretação. “Isto porque a análise de conteúdo se faz pela prática” (BARDIN, 2009, p.51).

A autora esclarece, na segunda parte, que a análise de resultados é resultante de testes de associação de palavras (estereótipos e conotações). A administração do teste objetiva estudar os estereótipos sociais espontaneamente partilhados pelos membros de um grupo relativo a certas profissões, países ou nomes próprios, aplicou-se um teste de associação de palavras a uma amostra de indivíduos. “O teste por associação de palavras, o mais antigo dos testes projectivos, permite, em psicologia clínica, ajudar a localizar as zonas de bloqueamento e de recalçamento de um indivíduo” (BARDIN, 2009 p. 53). Compreende-se que este teste no referencial sobre AC é utilizado para fazer surgir espontaneamente associações relativas às palavras exploradas ao nível dos estereótipos que criam. Em suma, a aplicação do teste, segundo Bardin, é simples. Recomenda-se que os sujeitos associem, livre e rapidamente, a partir da audição das *palavras indutoras* (estímulos), outras palavras (respostas) ou *palavras induzidas*.

Outro exemplo utilizado no livro, mais clássico e muito conhecido de análise de conteúdo de tipo classificatório³: as respostas a perguntas abertas de um questionário. A análise de comunicações de massa, para a autora, traz indagações necessárias para o entendimento de uma outra forma de se fazer a AC. O exemplo do horóscopo de uma revista torna-se a amostra que exemplifica do questionamento: O que se pode ler ou revelar através das pseudoprevisões que, de fato, não ensinam grande coisa ao leitor sobre seu futuro, mas têm outras funções? Em que é que, neste exemplo preciso, as técnicas de análise de conteúdo poderão ser úteis, pela classificação de itens de sentido ou de unidades de vocabulário? Para a autora, o texto do horóscopo possui a vantagem de ser curto e preciso e ao mesmo tempo em que constitui um sistema fechado e acabado em si mesmo. Portanto, pode servir de base a uma análise, no entanto é suficientemente denso para a efetivação de uma análise rica.

A terceira e quarta parte da referência em tela, aprofunda-se na questão do método e técnicas, respectivamente: a organização da análise; a codificação de resultados; as categorizações; as inferências; e, por fim, a informatização da análise das comunicações. Para uma aplicabilidade coerente do método, de acordo com os pressupostos de uma interpretação das mensagens e dos enunciados, a Análise de Conteúdo deve ter como ponto de partida uma organização. As diferentes

³ Trata-se de examinar as respostas a um inquérito que explora as relações psicológicas que o indivíduo mantém como automóvel. As perguntas a que se pretende aplicar a técnica de análise são as seguintes: Pergunta A: A que é, geralmente, comparado um automóvel? Pergunta B: Se o seu automóvel lhe pudesse falar, que lhe diria? Esta pergunta foi inspirada por P. H. Giscard (BARDIN, 2009, p.61).

fases da análise de conteúdo organizam-se em torno de três pólos, conforme Bardin: 1. A pré-análise; 2. A exploração do material; e, por fim, 3. O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação (2009, p.121).

A pré-análise, primeira fase desta organização de AC objetiva a sistematização para que o analista possa conduzir as operações sucessivas de análise. Assim, num plano inicial, a missão desta primeira fase é, além da escolha dos documentos a serem submetidos à análise, também a formulação de hipóteses para a elaboração de indicadores para a interpretação final. Para tanto, escolhemos como amostras dois *blogs* da mídia digital, que tem por temática “educação”, ou possuem objetivos educativos, isto é, são fontes de construção de conhecimento compartilhado no meio digital. Encontramos, nesse aspecto, uma problemática no que diz respeito à pré-análise e, principalmente à escolha dos documentos. Cabe dizer que, como partimos de um “universo de documentos de análise” (BARDIN, 2009, p.122), Trata-se, portanto, de reconhecer que para um trabalho mais profícuo de AC é necessário restringir as amostragens. “A análise pode efetuar-se numa amostra desde que o material a isso se preste. A amostragem diz-se rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial” (Bardin, 2009, p.123).

Nesse sentido, Bardin ainda afirma que

“Nem todo o material de análise é susceptível de dar lugar a uma amostragem, e, nesse caso, mais vale abstermos-nos e reduzir o próprio universo (e, portanto, o alcance da análise) se este for demasiado importante” (BARDIN, 2009, p.123).

A Análise de Conteúdo, enquanto conjunto de técnicas de análise de comunicações, ao longo dos anos, sofreu reformulações desde os primeiros preceitos da Análise de Conteúdo Clássica de acordo com estudos propostos por Krippendorff (1980) até os dias atuais, com uma análise mais contemporânea, já de acordo com preceitos metodológicos influenciados pelo uso do computador.

Consideramos que a obra de Laurence Bardin possui uma ancoragem consistente no rigor metodológico, com uma organização propícia à compreensão aprofundada do método e, ao mesmo tempo, traz aos pesquisadores um caminho multifacetado que caracteriza a Análise de Conteúdo como um método que, historicamente e cotidianamente, produz sentidos e significados na diversidade de amostragem presentes no mundo acadêmico.

Referência Resenhada

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.